# AO PASSO DOS HUMANOS E CAVALOS: ETNOGRAFIA NA LOCALIDADE PASSO DOS NEGROS – PELOTAS/RS

DANIEL VAZ LIMA[1]; JACIANA MARLOVA GONÇALVES ARAUJO[2]; FLÁVIA RIETH[3]; LOUISE PRADO ALFONSO[4]

[1]*Programa de Pós-graduação em Antropologia - UFPel – dvlima.vaz@gmail.com*
[2] *Programa de Pós-graduação em Antropologia - UFPel –* jacianamga@hotmail.com
[3] *Programa de Pós-graduação em Antropologia - UFPel – riethuf@uol.com.br*
[4] *Programa de Pós-graduação em Antropologia - UFPel – louise_alfonso@yahoo.com.br*

## 1. INTRODUÇÃO

A partir da experiência etnográfica na comunidade Passo dos Negros – Pelotas/RS, propomos neste texto uma percepção da cidade por meio da sociabilidade estabelecida entre os humanos e os animais não humanos. As discussões aqui apresentadas fazem parte de um projeto de extensão intitulado "Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de etnografia coletiva para antropólogos/as em formação" em que se mesclam perspectivas da arqueologia pública com a antropologia urbana. Neste projeto realizamos uma etnografia coletiva evidenciando as multiplas perspectivas e possibilidades dos diferentes olhares. A etnográfia, para além de um método de pesquisa, é também uma construção teórica, pois o conhecimento se constitui no confronto entre a teoria antropológica e as práticas vivenciadas junto aos grupos. A etnografia consiste, nesse sentido, numa formulação teórico-etnografica (PEIRANO, 2014).

A noção de cidade que adotamos propoe um diálogo com definições normativas buscando uma analise de cidade contextualizada, ou seja, uma cidade vivida, desterritorializada e em formação. Temos como referência AGIER (2011) para quem o ponto de vista do antropólogo sobre a cidade se dá pela convivência do(s) pesquisador(res) com os diversos grupos e lugares levando em conta suas experiências e práticas de "fazer cidade". Conforme o autor sugere, concebemos uma cidade por meio dessas três noções: "Cidade vivida, cidade sentida, cidade em processo..." O autor propoe deslocar a questão "sobre o que é a cidade" para "sobre o que faz a cidade". A cidade é concebida como um processo estando em constante (trans)formação cabendo aos antropólogos vivenciarem as "múltiplas maneiras de 'fazer cidade'" (AGIER, 2011, p. 41). Entre as multiplas maneiras de se fazer a cidade no Passo dos Negros, a experiência em campo desses autores atentou para a presença e circulação de cavalos, e também de outros animais, junto às pessoas, carros e motocicletas.

Há uma questão emergente na antropologia denominda "virada animalistica" cujas etnografias estão voltando o olhar para o lugar que os animais não humanos ocupam na composição do social (SEGATA, 2015). Esses trabalhos se inserem nos debates que questionam a ontologia do ocidente pautado nas distinções cartesianas sob o rótulo da distinção entre natureza e sociedade. A antropologia simétrica questiona tais distinções propondo uma visão alternativa de social como vocábulo para "uma série de associações entre elementos heterogêneos" (LATOUR, 2012, p. 23) formando, assim, uma rede interligada de atores humanos e não humanos. A questão não está em levantar *a priori* uma distinção e muito menos uma simetria, mas em atentar, a partir das relações estabelecidas, à maneira como os não humanos tem agencia nas relações. Desta forma, adota-se a compreensão de que eles também são atores, ou seja, exercem influência na composição de determinada configuração social. Nesse

sentido, a proposta se insere em um debate mais amplo de modo a conceber a construção do social – da/na cidade – a partir de um esforço de multiplicar e diversificar os agentes dessa construção para além do ato humano.

A proposta consiste em perceber os cavalos, não como objetos nos quais são depositados símbolos, desejos e representações, mas em um aspecto relacional, observá-los como detendo um modo de ser e viver que tem agência sobre os modos de ser e viver circundantes. Portanto, no olhar que busca as interações entre humanos e cavalos que estes últimos emergem como agentes da/na cidade. O objetivo geral desta pesquisa consiste e construir um outro olhar para a cidade a partir das diferentes relações entre humanos e cavalos. Como objetivos específicos elenca-se: Etnografar a constituição da cidade por meio da circulação dos humanos e não humanos dentro de um processo histórico e cultural; Entender a construção do modo de vida das pessoas a partir de suas interações com os animais.

## 2. METODOLOGIA

Este trabalho é resultado das ações realizadas no antigo “Passo dos Negros” em Pelotas, RS, durante o primeiro semestre de 2016 no âmbito do projeto de extensão “Narrativas do Passo dos Negros: exercício de etnografia coletiva para antropólogos/as em formação” coordenado pela professora Drª Louise Prado Alfonso. Dessa forma, o método etnográfico foi escolhido para a realização do trabalho. Conforme escrevemos acima a etnografia é, no sentido dado por PEIRANO (2014), uma formulação teórico-etnográfica sendo um conhecimento reflexivo construído a partir da interação com o outro. CARDOSO DE OLIVEIRA (2006) entende que o “trabalho do antropólogo” constitui-se através de três “atos cognitivos”, ou etapas de apreensão dos fenômenos sociais: Olhar, ouvir e escrever. O “olhar” e o “ouvir” representam a primeira experiência do pesquisador no campo, ao passo que o escrever é o momento de reflexão sobre as informações balizado pelas categorias e conceitos básicos da disciplina.

Na vivência com o outro o “olhar de etnógrafo”, carregado de significados, experiência de vida, além do que CARDOSO DE OLIVEIRA (2006, p. 18) chama de “olhar e ouvir disciplinados” pelo *modus operandi* da antropologia, é colocado em relação com as teorias do outro (MAGNANI, 2011) fazendo-nos identificar novas possibilidades de “viver a vida” que é transmitida na produção textual (WAGNER, 2010) e também visual e sonora. O trabalho de campo, mais do que um ato científico de pesquisa, é uma vivência em que se estabelece uma “relação produtora de conhecimento” (BRANDÃO, 2007, p. 12) passando por uma relação pessoal e afetiva tornando o processo de pesquisa um constante jogo de intersubjetividades entre o “nós” e os “outros”.

Por conseguinte, a pesquisa segue o princípio metodológico da teoria ator-rede de LATOUR (2012) de seguir os elementos heterogêneos que compõem as associações identificando os vínculos e alianças. “Tecer a rede” (FREIRE, 2006) implica em descrever as conexões entre os atores – humanos e não humanos - que deixam traços ou efeitos visíveis em outros agentes, ou seja, quando se tornam parte na construção de uma rede de relações. Realizamos uma etnografia coletiva onde as diversas etapas do trabalho de campo são realizadas em grupo tornando o conhecimento um processo multidisciplinar. Assim, esta pesquisa se insere no conjunto dos demais trabalhos que compõem o projeto atentando para a multiplicidade de possibilidades de se “fazer a cidade” a partir dos diversos agenciamentos dos humanos e dos não humanos.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência de uma visita à localidade do Passo dos Negros consiste numa forma de reconstruir e conhecer - por meio das pessoas e suas histórias - a memória e a história da cidade de Pelotas. Às margens do Canal São Gonçalo nos deparamos com um lugar onde, desde há muito tempo, coexistem humanos e não humanos de forma constante e próxima. À época das charqueadas as tropas de gado cruzavam o passo para depois serem levadas aos saladeiros localizados às margens do Canal, o qual, além de servir para escoar a produção do charque também era fonte de pesca. Atualmente, alguns pescadores persistem na atividade da pesca, embora o Canal não seja mais produtivo. Entretanto, apesar de não existirem mais peixes ou tropas sendo levadas ao Passo dos Negros, nas idas a campo foi possível perceber que os animais não humanos são parte importante daquele lugar. Foi possível observar a circulação de muitos cachorros, gatos, cavalos, pássaros e até mesmo alguns porcos pela região.

Nosso olhar atentou para a presença e circulação de cavalos junto às pessoas, automóveis e motocicletas. Inicialmente ao olharmos o entorno observamos diversos cavalos presos por cordas a beira das valetas ou pastando pelas áreas de campo que circundam o lugar. Por conseguinte, cruzamos por pessoas montadas em cavalos ou dentro de charretes e também diversos cavalos soltos caminhando entre as pessoas. Alguns cavalos soltos caminhavam em duplas ou grupos pelas ruas. Experienciamos outra temporalidade dos movimentos que nos convidou a contemplar a paisagem, nos chamando para os campos baldios que contrastavam com a dinâmica de um lugar densamente habitado. Trouxeram a sensação de outra temporalidade, outro estar na cidade.

Os cavalos criados no Passo dos Negros não são, na sua maioria, utilizados para trabalho. Em certo momento nos deparamos com um senhor que segurava um cavalo por uma corda enquanto este pastava. O Sr. “O” residia num bairro próximo e criava quatro cavalos. Quando o encontramos ele estava cuidando sua égua de montaria chamada “Estrela”. No decorrer da conversa enfatizou a docilidade da Estrela: “*Foi mansinha desde pequena. Consegui ela, acho que ela tinha uns 7 meses. Tem cavalos que murcham as orelhas, mas essa não. De todos é a única que deixa eu levantar as quatro patas, já os outros eu nem toco*.”

O morador nos falou que onde mora a transformação do lugar tirou os espaços para esses animais. Assim, ele deixa seus 4 cavalos nas áreas de campo que tem no Passo dos Negros. Contou-nos ainda, que a maior parte dos animais são utilizados para lazer (montaria), o que justificava a grande circulação de pessoas a cavalo durante aquela tarde de domingo, cenário diferente do que percebemos durante a semana. Nos contou que sempre teve cavalos apesar de ter passado toda a vida na zona urbana, os cavalos são criados pelos moradores do Passo dos Negros e localidades próximas “*Só por ter mesmo, para passear, para dar uma banda de vez em quando(...)*.” assim como no caso dele, que em suas palavras *“Tenho cavalos só por ter, não trabalho com eles a não ser buscar comida para eles, o petiço é mais para buscar comida para todos.”*

Nesta entrevista o morador também apontou para diversas pessoas que possuiam cavalos no local além dos espaços tais como campos e hospedarias em que são colocados os animais. Também nos indicou pessoas e espaços em diversos outros lugares da cidade revelando uma rede que ultrapassa os limites e as relações do lugar. Uma rede em constante transformação: o morador falou-nos de uma cancha reta – espaço plano com alguns metros de comprimento para corrida de cavalos – que fora fechada por influência do Jockey Club porquê “*não pagam imposto*” e “*traz os clientes deles para apostar*”. Nesses eventos o lugar

era "*tomado de ponta a ponta de carros e charretes dos dois lados. Juntava um monte de gente. Muita carreira deu ali. Agora eles só têm ali para treinarem e eles correm noutros lugares que não trancam, não proíbem aí eles correm*."

## 4. CONCLUSÕES

As considerações apresentadas neste texto consistem num exercício de aproximação com a questão levantada a partir da experiência etnografica. Percebemos que os cavalos constituem o cotidiano da localidade Passo dos Negros se extendendo para outros lugares da cidade e municípios da região evidenciando uma proposta de seguir mapeamento a rede identificando os vinculos e descrevendo os efeitos produzidos (FREIRE, 2006). Foi possível perceber que a presença dos cavalos no Passo dos Negros está relacionada à circulação dos moradores de outras áreas que trazem – ou vem visitar - seus animais para aproveitar o espaço disponível ali. Nesse caso, compreende-se que a utilização de animais para lazer humano merece especial atenção e discussões.

Por fim, consideramos a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão e propomos a elaboração de relatórios e organização de exposições de banners juntos às pessoas envolvidas na pesquisa. O termo "passo" indica tanto um lugar no curso de um rio ou riacho que serve para passagem de humanos e animais e também a maneira lenta de andar desses humanos e animais. Portanto propomos uma caminhada etnográfica seguindo o passo de humanos e cavalos – passos de passeio tal como experienciamos no contexto - e atravessarmos o Passo dos Negros acompanhando seus fluxos, movimentos e transformações.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, M. **Antropologia da cidade:** lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011,

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e cultura**, v.10, n.1, p. 11 – 27, 2007.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000, Cap. 1 p. 17 - 33.

FREIRE, L. L. Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica. **Comum**, v.11, n.26, 2006, p. 46 – 65.

LATOUR, B. **Reagregando o Social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012, 399p.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377 - 391, 2014

SEGATA, J. O que faz um animal de estimação na antropologia? **Revista novos debates**, vol. 1, n. 2, p. 123-130, 2014.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.